CISION
ID: 39151834
Publico
16-12-2011 | Ípsilon
Tiragem: 44867
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 6
Cores: Cor
Área: 29,47 x 37,79 cm²
Corte: 1 de 3

O ano em que fizemos contas aos fantasmas do Império

Não foi a primeira vez que olhámos para tudo isto: Portugal e os deserdados do sonho megalómano. Mas 2011 foi dos anos em que tivemos mais predisposição para parar e ver, ler, ouvir o que é português. Um criador, um sociólogo, uma historiadora e um filósofo olham para a criação portuguesa de hoje e vêem nela o confronto com as sombras do Império que ruiu, mas também um país com vontade de se rever, sem ideologia, depois do silêncio dos anos da ditadura e da euforia que se seguiu.

João Bonifácio

Há 30 anos o FMI, tal como neste 2011 que agora termina, surgiu em Portugal para pôr as contas em dia. Acabado de sair de uma Revolução que havia posto fim a uma ditadura de 46 anos, o país ainda mal se tinha habituado a ser dono do seu caminho e já uma instância externa vinha ditar-lhe a extensão dos bolsos. Hoje o caso devia ser diferente: o povo está - ou devia estar - habituado a tomar decisões, a ingenuidade dessa época não é mais possível, o fervor ideológico deu lugar à procura do conforto mundano. Pelo que talvez doa mais desta vez: havia um estilo de vida estabelecido, uma expectativa face ao que nos havia sido prometido: com a Europa tudo seria melhor, disseram. Agora que a Europa parece divertir-se com o pé sobre o nosso pescoço e nos apercebemos de que estamos sós, já ninguém acredita em nada excepto em aguentar.

Instalada a desilusão, talvez não seja despiciendo notar que não deve ter havido muitos anos tão entusiasmantes na arte nacional como este. Ao ponto de, na maior parte das disciplinas, constarem objectos nacionais entre os mais laudados pela crítica - falamos, claro, das escolhas dos críticos do Ípsilon. Entre as granadas, houve "O Retorno", de Dulce Maria Cardoso, na literatura; no cinema, João Canijo trouxe "Sangue do Meu Sangue"; na música, houve o rapper Halloween com "Árvore Kriminal". A estas obras incontornáveis, podiam acrescentar-se mais dois objectos: "É Na Terra Não É Na Lua", o filme de Gonçalo Tocha (só estreará em 2012, mas destacou-se no DocLisboa), e "Deus, Pátria e Família", a canção em duas partes (num total de mais de 20 minutos) de B Fachada. Também houve uma surpresa, e dentro de uma instituição: "Du Don de Soi", criação de Paulo Ribeiro para a Companhia Nacional de Bailado, foi o objecto inesperado que chegou ao primeiro lugar da lista dos críticos deste suplemento, quando passam 20 anos sobre a "fundação" do movimento Nova Dança Portuguesa. Cereja no topo do bolo, este foi o ano do nosso segundo Pritzker, que vimos Obama entregar em pessoa a Eduardo Souto de Moura.

Império

Alguns destes objectos têm pontos em comum. Alguns dos seus autores ainda não estavam completamente legitimados, o que só aconteceu →

← agora. Dulce Maria Cardoso, pesem embora os prémios, ainda não tinha alargado o seu público, muito menos sido vista como referência; Canijo nunca tinha convencido completamente a crítica (que venceu o seu próprio pudor e lhe deu as estrelinhas todas e o abraçou, com uma ou outra excepção) e pode até ser desta que o seu nome comece a ser reconhecido internacionalmente; Halloween deixou de ser apenas um segredo; Tocha apareceu vindo não se sabe bem de onde (mas certamente acabando o ano com uma dose de respeito que o seu alter-ego musical Gonçalo Gonçalves nunca granjeou); e Fachada deixou, com aquela simples granada de amor&ódio, de ser o puto esperto.

Unem-nos também as condições em que foram feitos, um fenómeno que em linguagem economista podia ser apelidado de "downsizing": Canijo encontrou condições numa produtora pequena, a Midas Filmes, que o mimou com a possibilidade de ensaiar com os actores durante anos; Dulce saiu da Asa para se instalar numa casa independente, a Tinta-da-China; Halloween fez o disco sozinho num tugúrio em Odivelas; Tocha trabalhou durante quatro anos sem apoio, usando apenas uma câmara de vídeo mini-dv, mais uma perche; e Fachada fez tudo por si.

E há o olhar. Nenhuma destas obras celebra portugalidade alguma; olham, sim, para o país que se coloca à sua frente e questionam-no de forma dura e por vezes cruel. Dulce Maria Cardoso não foi a primeira a abordar o tema dos retornados, mas foi aquela que levou a inquirição desse momento da Nação mais longe, sem piedade, ainda que com uma humanidade imensa, ao ponto de se poder dizer que com ela o Império foi enfiado num quarto de hotel; Canijo centrou as suas lentes numa família (portuguesa, tão portuguesa) dos subúrbios de hoje, mas que podia ser de qualquer época entre 1928 e 1974 (podíamos dizer que com ele o centro do Império foi enfiado num bairro); Halloween delapida a vida danada dos putos à margem dos dias de hoje; Fachada quase pareceu disposto a atear fogo à pátria; Tocha talvez tenha sido o mais caloroso, mas o seu olhar não está desprovido de dúvidas.

Inesperadamente, estes objectos encontraram um lugar: "O Retorno" já chegou à segunda edição; "Sangue do Meu Sangue", numa altura em que há cada vez menos gente nas salas (e menos ainda no caso do cinema nacional), já vai nos 20 mil espectadores. Não que valha a pena embandeirar em arco. Como diz Gonçalo Tocha, "se 20 mil pessoas é um sucesso para o cinema português, então há muito atingimos o divórcio total entre o nosso cinema e o nosso público".

Das personalidades que o Ípsilon convidou a comentar esta convergência de perturbadoras auto-análises em 2011, Tocha é a que tem maior dificuldade em aceitar que este ano tenha produzido mais olhares aguçados sobre a Nação do que o costume. Licenciado em Língua e Cultura Portuguesa, saiu do curso "um bocado traumatizado com a imagem que os portugueses fazem deles mesmos": "É uma história dos nossos traumas." Por isso é renitente em dizer "que não nos tenhamos criticado". "Mas desde o fim da ditadura tem-se escrito mais, pensado mais", concede, aceitando que "a nossa história, o nosso peso, é difícil de digerir".

A idade, aqui, pode ser um factor. Não por acaso, os restantes auscultados - o sociólogo José Luís Garcia, a historiadora Irene Pimentel e o filósofo José Gil - mencionam sempre a palavra "Império" a propósito destes objectos. Por exemplo: José Luís Garcia começa por dizer que Canijo e Dulce "fazem o balanço do Império nos últimos 30 anos". É inevitável ver ali os restos do Portugal imperial alastrando até cada um dos nossos gestos. "O mundo suburbano também resulta em parte desses despojos", continua o investigador. "Com a urbanização, foram ali colocadas pessoas que vinham do mundo rural, os negros que trabalhavam no metropolitano, etc".

Podemos olhar os restantes também como "despojos do Império". Do negro no bairro de Halloween ao (não) fechamento do Corvo de Tocha, passando pela tortura de "48", de Susana Sousa Dias, e pela tentativa de apagamento da nação de B Fachada, é a mesma matéria-prima: a lupa dos criadores assentou sobre os deserdados do sonho megalómano português que se esgotou há nem meio século.

Não foi a primeira vez que olhámos para tudo isto. Mas 2011 foi dos anos em que tivemos mais predisposição para parar e ver (ler, ouvir) o que é português.

O exterior

"As dificuldades [em lidar com a arte nacional] já vêm de há algum tempo e são de ordem identitária", assevera José Luís Garcia, tentando explicar essa dificuldade que temos tido em lidar com o que é nosso. Não está longe da de Irene Pimentel. "Há sempre um tempo de 30 anos de silêncio", diz a historiadora. "Um tempo necessário para olhar sem ideologia".

> *"Acredito em alguns acasos cósmicos, numa certa energia que se une num dado momento, mas está longe de haver uma transformação através de objectos artísticos. Estamos no momento do tudo ou nada. Se a cultur a não tem nada a dizer, ninguém tem"*
> *Gonçalo Tocha*

Estes 30 anos de silêncio não se referem ao tempo que dista entre a chegada dos retornados e a escrita de "O Retorno" (embora as contas batam certo: de 1975 para cá passaram 36 anos). São, grosso modo, o tempo necessário para uma geração que não viveu determinado trauma (ou que não era adulta aquando do trauma) se aperceber da dimensão deste e procurar recriá-lo para o compreender.

O trauma, aqui, não é coisa pouca: "Saímos da Guerra Colonial sem colónias, mas ainda com a matriz de Império que era longa. Pensávamos que nunca conseguiríamos sobreviver na Europa sem o Império. Com a União Europeia acreditámos que tínhamos um mundo novo ao qual nos ligarmos", diz José Luís Garcia. Em síntese, nunca soubemos ou nunca acreditámos que pudéssemos funcionar sozinhos. O que explica uma necessidade de algo que nos medeie o olhar. Dito de outra forma: durante muito tempo, precisámos que nos dissessem do que gostar e porquê.

"Não se pode reduzir o peso de quase 50 anos de fascismo cujo objectivo declarado era calar e silenciar", diz o filósofo José Gil. Como resultado dessa castração imposta pela ditadura "interiorizaram-se padrões". Mais tarde, quando desapareceu a ditadura, manteve-se o comportamento, o que resultou "numa espécie de irrealidade".

Essa irrealidade expressa-se - ou expressou-se até há pouco tempo - nos "interditos interiorizados". "Temos um texto interiorizado que repetimos. Esse texto não nos deixa sentir aquilo que é suposto sentir", continua Gil, rematando de forma dolorosa: "Coisas como a Guerra Colonial deram pouco em termos de literatura e foi uma coisa trágica - mas é como se não o tivesse sido, é como se tivesse sido menor. Fala-se pouco, pensa-se pouco, sente-se pouco".

Também isto pode estar a mudar. Muita gente, em blogues, Facebooks e afins, testemunhou a sua emoção e os nossos auscultados falam da surpresa ao verem pessoas que lhes eram conhecidas chorarem com estes filmes, livros (e etc). Uma reacção epidérmica que contraria o comportamento que Gil diz ter sido vigente até há pouco, o do "pânico do excesso". "Não podemos ser excessivos nem na resposta ao excesso", diz o filósofo, acrescentando: "Há uma forma de ser que desapareceu, que é a da espontaneidade", para acrescentar que no cinema, historicamente, "os actores não andavam espontaneamente, não se mexiam espontaneamente", ao contrário do que acontece (para seu agrado) no filme de Canijo. "O Canijo tem o ritmo do cinema de hoje. Em segundo plano aparece uma realidade de violência onde nós, estejamos ou não noutra realidade social, nos reconhecemos. Essa violência é própria de nós, mas por norma encobrimo-la, não queremos ver. Existe e demonstra-se até no simples facto de querermos sempre mostrar-nos corteses".

Podemos perguntar se a tentativa de mostrar essa violência sempre existiu. Mas é assumido por todos que estamos mais dispostos a lidar com os objectos que se propõem a olhar o país. De certo modo, fomos educados pelos objectos que antecedem estes. Antes disso, no entanto, o país era automaticamente desqualificado, bem como cada filme ou livro que se propusesse olhar para ele. Isto acontecia porque "a geração de 1960 tinha ódio ao país, a um país colonialista, fascista, sem rock", como diz Garcia, que é corroborado por Pimentel: "Estivemos isolados durante muitos anos e a seguir valorizámos o exterior pela simples razão de nos ser exterior; tudo isso contribuiu para não sabermos olhar para nós".

Mesmo o período que se seguiu ao 25 de Abril foi, no entender de Pimentel, "menos criativo do que poderia ter sido", porque "as pessoas que criavam nessas alturas estavam habituadas aos subterfúgios necessários para fugir à censura e não conseguiam escrever em liberdade ou de forma não ideologizada".

"Era um país sem nada, que ainda fazia guerras coloniais depois do Vietname. Estávamos traumatizados com isto", completa Garcia. Portugal "era como uma família fechada, com as pessoas cheias de rancor entre si, mas em que ninguém decidia sair de casa". (Não por acaso esta descrição parece assentar aos filmes de Canijo, que recuperam uma das marcas fundamentais da ditadura: as relações incestuosas, naturais em meios fechados sobre si próprios - se um meio é pequeno e para mais se fecha, a distância entre os seres diminui provocando uma incestuosidade metafórica ou real.)

Isolamento?

As coisas mudaram em parte graças ao período de latência mencionado por Irene Pimentel, que faz questão de realçar que "nenhum destes fenómenos é exclusivamente português": houve do mesmo em França, Itália, Alemanha.

Não se pode também diminuir a importância da chegada de novas gerações - como lembra José Luís Garcia, quem nasceu na década de 1980 ou 1990 já não tem um problema chamado Portugal, parafraseando O'Neill. Além do mais, "hoje temos um sistema universitário que nos permite pensar, escrever, viajar para outros países e comparar realidades, etc", nota o sociólogo.

E fomos sendo educados pelo que foi sendo produzido. Um ou outro livro de Lobo Antunes, um ou outro filme de Pedro Costa (e do próprio Canijo) foram-nos habituando a olhar para o quintalinho. Acima de tudo, diz Gil, "começa a pensar-se a partir do real". O real, que em arte é sempre "mise-en-scène", é, escrevia Irene Pimentel num texto sobre Canijo, o cuidado posto na recriação de uma refeição. Numa telenovela da TVI (cujos valores e objectivos estão do lado da fábula que faz sonhar), uma família pobre tem uma mesa bonita com fruta exótica ao pequeno-almoço; em "Sangue do Meu Sangue" há saladas e carapaus. "A salada e os carapaus são uma identidade. É uma desvalorização do que é estrangeiro e a revalorização do que temos aqui, mas não de uma forma patriota". Esse brio na (re)construção é um dado comum a todos estes objectos.

Nenhum dos inquiridos arrisca profetizar se anos como o de 2011 vão repetir-se. Aceitam a possibilidade de o sufoco que começou a sentir-se a partir de 2008 ter instalado nos criadores uma certa urgência - mas também não o afirmam peremptoriamente. Gonçalo Tocha faz notar que em 2007, quando foi filmar para o Corvo, "os tempos não eram o que são agora": "2007 é diferente de 2011. Não se falava de crise. Ainda havia apoios e subsídios para as áreas periféricas. O que vai acabar".

É triste notar uma coincidência: os três académicos realçam que a ditadura isolava e, sufocando, virava as pessoas umas contra as outras (apesar de fazer passar a imagem dos portugueses povo cordato); e Tocha, hoje, em 2011, afiança que "toda a gente em Portugal trabalha de forma isolada", como se não tivesse mudado nada. "Espero que haja um momento em que as pessoas que trabalham em cultura se juntem, em acção. Essa força está-se a dispersar e o isolamento convém ao Governo".

Para Tocha não houve assim tantos avanços educacionais e culturais. "Falta um movimento geral que alcance toda a população. E a educação é que faz evoluir um país". Há, novamente, um problema de discurso: "Está tudo a ser apagado pela banca e isso é gravíssimo, porque nos faz esquecer que 30 por cento dos portugueses não têm o 12º ano". Talvez por isso o cineasta não acredite muito que este período seja significativamente diferente dos outros. "Acredito em alguns acasos cósmicos, numa certa energia que se une num dado momento, em pequenas coincidências de movimentos, mas está longe de haver uma transformação através de objectos artísticos".

Mas depois, atira sem dúvidas: "Estamos no momento do tudo ou nada. Se a cultura não tem nada a dizer, ninguém tem".

CISION
ID: 39151739
Público
16-12-2011 | Ípsilon
Tiragem: 44867
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 9
Cores: Cor
Área: 29,25 x 38,16 cm²
Corte: 1 de 11

2011

Jean-Efflam Bavouzet, o grande intérprete de Debussy e Ravel da actualidade, João Canijo e "Sangue do Meu Sangue", "Villa + Discurso", de Guillermo Calderón, "Du Don de Soi", de Paulo Ribeiro, Doris Salcedo e "Plegaria Muda", Dulce Maria Cardoso e "O Retorno", "Ghosts" do Peter Evans Quintet - ficaram connosco em 2011. E P.J. Harvey

Norberto Lobo: uma guitarra que se basta a si mesma e é não menos do que milagrosa

1 PJ Harvey

Let England Shake
Island; distri. Universal Music

3 Tom Waits
Bad as Me

Anti; distri. Edel

Fossem todos tão maus quanto ele. A idade em Tom Waits até pode obrigar a que o homem com voz de gravilha passe os anos de intervalo entre os discos a beber chá de camomila e dedicado à jardinagem, mas sempre que regressa é para nos lembrar que não há domesticação possível para estes blues ariscos. ***G.F.***

4 Shabazz Palaces
Black Up

Sub Pop, distri. PopStock

PHOTO BY DAVID BELSLEY; COLLAGE BY LEIF PODHAJSKY

Cacos, fragmentos, restos da civilização industrial, consolas de jogos vídeo que nunca mais jogarão, portáteis que nunca mais serão levados para lado nenhum, respigados para uma música desengonçada. Shabazz Palaces é isso. Hip-hop, mas como espectros que se movem por entre camadas de origens remotas, uma colisão de partículas que recompõe cenários conhecidos. ***V.B.***

5 Destroyer
Kaputt

Merge Records

Há mais de uma década que o canadiano Dan Bejar era um segredo bem guardado do universo indie. Este álbum alterou essa condição de músico prolífico mas ainda largamente por descobrir, com canções que se mostram como se fossem rigorosas aguarelas sonoras, aperfeiçoadas por movimentos electrónicos, elementos jazzísticos, guitarras límpidas e um entendimento minucioso de formas, tempos e espaços. ***V.B.***

6 Bon Iver
Bon Iver

4AD, distri. PopStock

Poder-se-ia imaginar que seria um disco mais acessível que o seu antecessor, mas é ao contrário. Em vez de folk convencional temos uma espécie de pop de câmara com qualquer coisa de exploratório. E depois existe ainda a voz de Julian Vernon, manejando tempos e emoções com à vontade, tão depressa capaz de nos transportar para as temperaturas altas da soul, como evocar ecos alegóricos da folk. ***V.B.***

7 Halloween
Árvore Kriminal

Sonoterapia; distri. SóHipHop

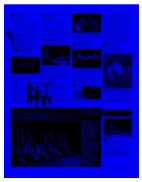
Esperámos cinco anos pelo segundo álbum de Halloween, mas nada lamentámos. Ninguém rappa como ele, no seu tom cavernoso tão capaz de fúria e neurose quanto de requebro e melancolia. E poucos têm a sua mestria na criação de narrativas que nos põem, de forma sufocante, no centro da história. São canções de anjos em queda e de demónios que se erguem. É música que perturba tanto quanto contagia. Portugal, 2011. ***M.L.***

8 Norberto Lobo
Fala Mansa

Mbari

Norberto Lobo fala da sua música como poesia, dedica temas a Jack Rose e a Lhasa de Sela e inventa um disco de guitarra acústica (mais uns fios de voz e órgão) tão estupidamente bom que dá para esquecer que já foi inventada a figura do vocalista. Uma guitarra que se basta a si mesma e é não menos do que milagrosa. ***G.F.***

CISION
ID: 39151739
Público
16-12-2011 | Ípsilon
Tiragem: 44867
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral
Pág: 16
Cores: Cor
Área: 29,56 x 38,10 cm²
Corte: 8 de 11



3 *Cédric Andrieux* de **Jérôme Bel**

RB Jérôme Bel (França)
Teatro Viriato, Viseu, 26 de Março
Teatro Maria Matos, Lisboa, 30 e 31 de Março; Fundação de Serralves, Porto, 3 de Abril

O solo intimista e autobiográfico do bailarino Cédric Andrieux sumariza o itinerário de uma geração. Tributo iconoclasta à figura tutelar de Cunningham, e relato da história da dança desde o seu interior, revela-nos como as biografias são a escala humana da História. Uma problematização humanamente transversal e de rara eficácia, que confirma Jérôme Bel como um dos mais argutos coreógrafos contemporâneos. ***L.R.***

"Cédric Andrieux"

4 *Um gesto que não passa de uma ameaça* de **Sofia Dias e Vítor Roriz** (Portugal)

BoxNova do Centro Cultural de Belém, 2 de Julho

Com um cuidado e uma elegância a toda a prova, um saber e uma atenção inatacáveis, e uma fragilidade tamanha, Sofia Dias e Vítor Roriz conquistaram a Europa com esta peça, de uma complexidade desarmante. Não é só o modo como trabalham, obstinada e laboriosamente, uma imagem. É também o modo como dela partem para, num gesto largo, ali fazer caber o mundo. Um dos casos maiores da dança europeia. Em português. ***T.B.C.***

5 *O Corpo é a Mídia da Dança + Outras Partes* de **Vanilton Lakka**

Grupo Lakka (Brasil)
Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 22 de Junho (Próximo Futuro)

Num palco despojado de artifícios, Lakka montou um espectáculo muito eficaz que apela à participação do público em tempo real, num gesto de aproximação entre a dança popular de rua e a dança contemporânea teatral. É um elogio emocionante ao poder do corpo para diluir fronteiras e interrogar convenções. ***P.V.***

6 *Si je meurs laissez le balcon ouvert* de **Raimund Hoghe**

Companhia Raimund Hoghe (Alemanha/ França)
Culturgest, Lisboa, 25 e 26 de Fevereiro

ROSA FRANK

Coreógrafo da dor, da celebração e da resiliência, Hoghe tem aqui o seu "memento mori". Habitam a peça todos os fantasmas que com ele partilhamos: Bausch, Cunningham, Dalida, Callas, Klaus Nomi, Lorca, Bagouet. E em imagens de uma poética sufocante, onde a generosidade de Hoghe se liberta nos corpos dos seus dedicados bailarinos, celebrámos, em conjunto, a dança como espaço de encontro. ***T.B.C.***

CRISTINA ROCHMANN

"O Corpo é a Mídia da Dança + Outras Partes"

7 *Gold* de **Rui Lopes Graça**

Companhia de Canto e Dança de Moçambique (Moçambique/ Portugal)

Nem europeu nem africano, "Gold" inventa, nesse meio-caminho, uma linguagem híbrida, complexa e intensa que redescobre uma nova verdade para a dança. Fá-lo enveredando por trilhos inexplicavelmente pouco frequentados, onde desponta um refrescante universo criativo no seio de uma pós-colonialidade que fala português. ***L.R.***

RICARDO BRITO

8 *Le Cri + Les Sentinelles* de **Nacera Belaza**

Compagnie Nacera Belaza (França/ Argélia)
Teatro Maria Matos, Lisboa, 28 e 29 de Outubro

AGATHE POUPENEY

Neste peculiaríssimo díptico, a franco-argelina Nacera Belaza constrói, a partir de variações sobre uma única acção motora, um mantra minimalista, conceptual e íntimo. E recupera, nesse exercício abstracto, um sentido ritualístico ancestral da dança que é, a um tempo, profundamente islâmico e contemporâneo, e um reflexo das dinâmicas identitárias num mundo global. ***L.R.***

9 *Les Corbeaux* ex-aequo de **Josef Nadj e Akosh S.**

RÉMI ANGELI

Centre Chorégraphique National d'Orléans (França)
Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 11 de Maio; Teatro de Vila Real, Vila Real, 13 de Maio; Theatro Circo, Braga, 16 de Maio; Teatro Carlos Alberto, Porto, 18 e 19 de Maio (Odisseia: Teatro do Mundo); Teatro Camões, Lisboa, 13 de Julho (Festival de Almada)

O regresso de Nadj a Portugal, numa mini-"tournée" rara, fez-se com uma peça indescrítivel. Senhor de um trabalho meticuloso, partilhou com Akosh Szelevényi, saxofonista e músico polifónico, um poema visual, com ecos de Nijinsky e restos de uma história da Europa de Leste ainda em ferida. Metáfora e símbolo, morte e desejo, vida e efemeridade, numa composição sem par, densa e intensa como raramente vimos. ***T.B.C.***

9 *A Nova Bailarina* ex-aequo de **Aldara Bizarro**

Jangada de Pedra (Portugal)
Cine-Teatro Joaquim d'Almeida, Montijo, 12 de Março; Centro Cultural de Belém, Lisboa, 10 a 15 de Maio (Fábrica das Artes)

SAMUEL SEQUEIRA

Aldara Bizarro declarou a intenção política da sua obra artística e discutiu a vulnerabilidade da democracia com um público infanto-juvenil. Criteriosamente articulados, o movimento dançado, os objectos manipulados e as palavras cantadas formam um discurso interactivo com grande valor estético e crítico. ***P.V.***

Dança

1 *Du Don de Soi* de Paulo Ribeiro

Companhia Nacional de Bailado (Portugal)
Teatro Camões, Lisboa, 27 de Outubro a 6 de Novembro (Festival Temps d'Images); Teatro Nacional S. João, Porto, 11 e 12 de Novembro

DANIEL ROCHA

Paulo Ribeiro criou uma peça lindíssima, marcada pela sua identidade artística madura, mas também iluminada com algo novo e muito atraente, fruto da viagem ao território inspirador da obra de Tarkovsky. Apareceu uma linguagem eclética, que convoca os diferentes talentos da dança formal, virtuosa, visceral, improvisada ou ritualista e movimenta o colectivo de 32 bailarinos com uma energia ágil, contemplativa e pontualmente dramática. O mérito é partilhado com um excelente naipe de colaboradores, que conseguiu uma relação convergente e um todo elegante. Da abstracção e da poética que definem "Du Don de Soi" emana a beleza do corpo unido e uma vigorosa sensação de comunidade. ***P.V.***

BORIS BRUSSEY

2 *Enfant* de **Boris Charmatz**

Musée de La Danse/ Centre Chorégraphique National de Rennes et de Bretagne (França)
Culturgest, Lisboa, 21 e 22 de Setembro

Uma "sub-coreografia" intrigante e densa, feita de alusões às zonas de luz e de sombra do universo das relações entre adultos e crianças. Imergindo nos subterrâneos da alma humana para regressar à superfície, "Enfant" fala-nos dos novos interditos, numa inquietante fábula sobre o nosso tempo. ***L.R.***

Escolhas de Luísa Roubaud, Paula Varanda e Tiago Bartolomeu Costa